

Ecovilas, o que podemos aprender com uma nova definição ancorada na construção deste fenômeno hodierno?

Luiza Luchi Ramos Santos

Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais, IFBA/UFESB
Administradora de empresas (FGV-SP)

✉ luizaluchi@gmail.com

Elissandro dos Santos Santana

Professor da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes
Colunista socioambiental e tradutor do Portal Desacato
Editor de Meio ambiente e Revisor da Revista Latinoamérica

✉ elissandross@gmail.com

Allívia Rouse Carregosa Rabbani

Professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA – *Campus* Porto Seguro)
Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais (IFBA/UFESB)

✉ alliviarouse@hotmail.com

Roberto Muhájir Rahnemay Rabbani

Professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFESB) – *Campus* Sosígenes Costa Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais (IFBA/UFESB)

✉ rabbani@csc.ufsb.edu.br

Resumo:

A definição do termo “ecovilas” surgiu em 1991 a partir do livro “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis”, divulgada, mundialmente, em 1995, por meio da consolidação da Rede Global de Ecovilas. Desde então, houve uma evolução no conceito de “ecovilas”, se transformando em um termo que evidencia a sua correlação com a sustentabilidade. Contudo, em se tratando de um fenômeno contemporâneo, este é mutável, uma vez que o próprio conceito de sustentabilidade se amplia e a sociedade exige outras formatações de assentamento humano e a revisitação de suas bases formadoras. Neste trabalho, fez-se um estudo da origem do termo “ecovilas” e de seu histórico diante de um resgate histórico a partir da literatura científica, visando a sistematizar, cronologicamente, as diferentes definições e ressaltar os componentes semânticos que contribuem para sua conceituação e, como resultado, uma nova definição baseada em seis dimensões. O fenômeno constitui campo fértil de investigações para pesquisadores/as de novas organizações sustentáveis apontando novas trilhas a serem exploradas.

Palavras-chave: Ecovilas, Conceituação, Semântica, Sustentabilidade.

Ecovillages, what can we learn from a new definition anchored in the construction of this modern phenomenon?

Abstract:

The definition of the term “ecovillages” emerged in 1991 from the book “Ecovillages and Sustainable Communities”, disseminated worldwide in 1995, through the consolidation of the Global Ecovillage Network. Since then, there has been an evolution in the concept of “ecovillages”, becoming a term that highlights its correlation with sustainability. However, in the case of a contemporary phenomenon, it is changeable, since the very concept of sustainability expands and society requires

other formats of human settlement and the revisiting of its forming bases. In this work, a study was made of the origin of the term “ecovillages” and of its history in view of a historical rescue from the scientific literature, aiming to systematize, chronologically, the different definitions and highlight the semantic components that contribute to its conceptualization and as a result, a new definition based on six dimensions. The phenomenon is a fertile field of investigation for researchers from new sustainable organizations, pointing out new paths to be explored.

Keywords: Ecovillages, Conceptualization, Semantics, Sustainability.

Ecoaldeas, ¿qué podemos aprender de una nueva definición anclada en la construcción de este fenómeno moderno?

Resumen:

La definición del término "ecoaldeas" surgió en 1991 del libro "Ecoaldeas y comunidades sostenibles", difundido en todo el mundo en 1995, a través de la consolidación de la Red Global de Ecoaldeas. Desde entonces, ha habido una evolución en el concepto de "ecoaldeas", convirtiéndose en un término que destaca su correlación con la sostenibilidad. Sin embargo, en el caso de un fenómeno contemporáneo, es cambiante, ya que el concepto de sostenibilidad en sí mismo se expande y la sociedad requiere otros formatos de asentamiento humano y la revisión de sus bases de formación. En este trabajo, se realizó un estudio del origen del término "ecoaldeas" y de su historia en vista de un rescate histórico de la literatura científica, con el objetivo de sistematizar, cronológicamente, las diferentes definiciones y resaltar los componentes semánticos que contribuyen a su conceptualización y Como resultado, una nueva definición basada en seis dimensiones. El fenómeno constituye un campo fértil para las investigaciones de investigadores de nuevas organizaciones sostenibles, señalando nuevos caminos a explorar.

Palabras clave: Ecoaldeas, Conceptualización, Semántica, Sostenibilidad.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO E CONCEITOS BÁSICOS NECESSÁRIOS

O surgimento do termo “ecovilas” está associado aos movimentos sociais ocorridos a partir dos anos 1960, marcados pelo movimento de contracultura hippie e tentativa de ruptura com o modelo econômico-social existente na época (PIRES, 2012), em que “viver” ganhava um novo conceito em consonância com a natureza. Este período foi marcado pela transição do modelo industrial no qual, até então, estas atividades eram vistas como progresso, evoluindo para um padrão pós-industrial (LUCCI, 2010).

Tal transição deu origem à sociedade de conhecimento, não mais caracterizada por uma economia de uso intensivo de capital e de trabalho, orientada para a produção em massa, mas sim por uma economia de capital intelectual, fundamentada no indivíduo (THEIS, 2013). Assim, os interesses que antes gravitavam em torno da satisfação de necessidades básicas, como o bem-estar econômico e a coesão social, agora compartilhavam espaço com necessidades de ordem estética, intelectual, e de qualidade de vida (INGLEHART, 1999).

Morar bem agora teria que contemplar essas necessidades. Já não era suficiente viver nos subúrbios, distante dos grandes centros; era preciso viver de forma sustentável, conforme o entendimento da época. Nesse cenário, nasceram as comunidades que viriam a se tornar as primeiras ecovilas (SANTOS JR., 2006; CAPELLO, 2013; DAWSON, 2006). Uma resposta concreta de nova organização de assentamentos humanos frente ao atual paradigma linear capitalista e consumista e sua conseqüente insustentabilidade ambiental e social (CAPRA, 2002).

Em 1965, a primeiro assentamento humano em que levava em consideração questões ecológicas e de espiritualidade surgiu na Escócia, conhecido como Findhorn, é visto por vários autores como marco para o surgimento de ecovilas, devido ao seu protagonismo e pioneirismo (JACKSON, 1998; JACKSON; JACKSON, 2004; BANG, 2005; DAWSON, 2006). Porém, é importante atentar para o fato de que as primeiras cohousings da Dinamarca são contemporâneas à ecovila escocesa e podem ser apontadas como sementes embrionárias desse novo conceito de vida sustentável em coletivo (DAWSON, 2006).

Entretanto, até o final da década de 1960, ainda não se discutia a sustentabilidade – elemento central do conceito de ecovila. Isto só irá ocorrer na década de 1970, quando passou a ser pauta na 1ª Conferência Mundial sobre Homem e Meio Ambiente (1972), em Estocolmo, capital da Suécia (FABRI, 2015).

Logo, a comunidade de Findhorn, em seus primeiros anos de existência, não pode ser considerada uma ecovila. Sendo correto categorizar ecovilas apenas após a primeira menção do termo no lançamento do livro “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis” produzido por Robert e Diane Gilman, sob encomenda para a organização Gaia Trust em seminário temático realizado na Dinamarca em 1991 (DAWSON, 2006).

Nesse sentido, a definição de ecovila só ganha espaço na década de 1990 e em escala global no “Encontro Internacional Ecovilas e Comunidades Sustentáveis para o século XXI” em 1995, na agora, então, ecovila Findhorn na Escócia, quando reuniu cerca de 400 pessoas provenientes de 40 países distintos fomentada pelo Gaia Trust (BANG, 2005; DAWSON, 2006; JACKSON; JACKSON, 2004; GAIA TRUST, 2019). Este encontro reiterou a posição de destaque de Findhorn no processo de criação de ecovilas e sedimentou a criação da rede de ecovilas hoje conhecida como Rede Global de Ecovilas – GEN (JACKSON; JACKSON, 2004) – organização responsável pelo cadastramento das ecovilas ao redor do mundo.

A fundação Gaia Trust ainda existe e apoia a GEN e a organização Gaia Education, estas são como braços para organizar e fomentar o fenômeno ecovila de acordo com seu site institucional (GAIA TRUST, 2019). A fundação defende sua existência como uma promotora do que denomina “nosso sonho – a grande visão da ecovila”, que seria a união holográfica de três visões: 1. a social, 2. a ecológica e 3. A espiritual. Todos estes pilares para o convívio harmonioso entre os assentamentos humanos. Além disso, é uma instituição apoiadora do movimento de permacultura como princípio de design para a construção de um mundo sustentável (GAIA TRUST, 2019).

Em junho de 1996, a GEN participou da Segunda Conferência sobre Assentamentos Humanos (HABITAT II), em Istambul (LINDGREN, 1997) e as ecovilas foram apontadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) como modelo de vida coletiva reconhecida entre as 100 melhores práticas sustentáveis descritas no relatório ONU-HABITAT (GEN, 2017). A tenda atraiu muitos curiosos e a presença da GEN no evento foi considerado um sucesso pois foi possível expor ideias de convívio diferentes aos modelos seguidos na época (JACKSON; JACKSON, JACKSON 2004; JACKSON, 1998; BANG, 2005)

Ainda na década de 1990, representantes do Brasil começaram a adotar esse novo estilo de vida em comunidade. As ecovilas brasileiras estão cadastradas à Rede Global de Ecovilas GEN desde 1999 via rede CASA (Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina) e, hoje, tem pouco mais de 50 ecovilas autocadastradas em 2019 na plataforma online (GEN, 2019a). Em consulta a plataforma da GEN em 2020, estima-se que existam mais de 15 mil ecovilas ao redor do mundo e mais de 500 filiadas à rede somente em 2018. Logo, o assunto é conexo e contemporâneo, uma vez que o número de ecovilas tem crescido mundialmente em escala exponencial.

É crescente o interesse dos pesquisadores no tema (WAGNER, 2012), porém sua literatura ainda carece de informações. Nesta pesquisa, realiza-se uma revisão teórica do termo, com o objetivo de apresentar o fenômeno das ecovilas e mostrar sua consolidação como um campo promissor de investigações e como resultado, uma atualização do termo ecovila.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na próxima seção, o fenômeno é caracterizado, conceituando-o e delineado em seus contornos; na terceira seção, são apresentadas as dimensões pilares para a formação de uma ecovila, na quarta seção, é

debatido um uso indiscriminado do termo e esclarecimentos sobre o que não é ecovila; e na quinta seção, indicamos possibilidades de investigação. Ao final, a partir da fundamentação dos elementos que compõe uma ecovila, bem como da exclusão daqueles elementos que não devem compor, será proposta uma nova definição que traga a completude da semântica do termo, adequada às novas realidades sócio-econômico-ambientais.

ECOVILAS: DEFINIÇÕES, HISTORICIZAÇÃO E CONCEITUAÇÕES A PARTIR DE DIVERSOS/AS AUTORES/AS

Vários autores procuraram conceituar o fenômeno das ecovilas. A literatura acadêmica internacional sobre ecovilas é recente e a primeira conceituação descrita tem menos de três décadas. A literatura acadêmica internacional sobre ecovilas é recente e a primeira conceituação descrita tem menos de três décadas (GILMAN, 1991; JACKSON, 1998; BRAUN, 2000; SVENSSON, 2002; DAWSON, 2006; GAIA EDUCATION, 2012; ROYSEN, 2013; GEN, 2019b).

O primeiro livro que aborda o tema no Brasil, ainda é mais recente, datado de 2001, “Desenvolvimento ao Ponto Sustentável” de Ricardo Braun (2001), responsável por abrir esse caminho, discute as ecovilas, tidas como comunidades sustentáveis e seu relacionamento com a ecologia profunda, a permacultura, o dinheiro alternativo e a espiritualidade.

Em uma busca nas bases científicas, foi possível ratificar a contemporaneidade do tema. Fez-se uma busca pelas definições nas bases de dados, a partir da década de 1990, nos artigos disponíveis em português nas plataformas google scholar com as palavras chaves “ecovila” e “ecoaldeia” (termo em português de Portugal, equivalente ao termo brasileiro ecovila) e as referências mais citadas. Dentro de uma narrativa histórico-linear dos autores, foi realizado um sumário das principais definições utilizadas (Quadro 1).

Quadro 1 – Definições encontradas em trabalhos científicos em busca realizada em 2019

ANO	AUTORIA	DEFINIÇÃO
1991	Robert Gilman	Um assentamento de funcionalidade completa, em escala humana, onde as atividades humanas são integradas ao mundo natural de maneira inofensiva, de tal forma que apoiam o desenvolvimento humano saudável, podendo ser continuada de forma bem-sucedida e indefinida no futuro. (GILMAN; 1991, p. 10, Tradução nossa)
1998	Hildur Jackson	<p>Descreve ecovila a partir de 3 pilares:</p> <p>Comunidade - Ecovilas são comunidade nas quais pessoas se auto ajudam e se responsabilizam por aqueles que os cercam. Eles proveem um profundo senso de pertencimento de grupo. São pequenos para que todos se sintam empoderados, vistos e ouvidos. Pessoas são aptas a participar da tomada de decisões que afetam suas vidas e da comunidade baseada na transparência.</p> <p>Ecologia - Ecovilas permitem as pessoas experienciar sua conexão espiritual com a terra vida. Pessoas usufruem diariamente interação com o solo, água, vento, plantas e animais. Elas proveem para suas necessidades diárias- comida, vestimenta, abrigo - respeitando os ciclos da natureza.</p> <p>Espiritualidade - Ecovilas contribuem para o senso de unidade com o mundo natural. Eles promovem o reconhecimento da vida humana e da própria terra como parte do cosmos maior. (JACKSON, 1998, p.10, tradução nossa)</p>
2002	Karin Svensson	Comunidades de pessoas que se esforçam por levar uma vida em harmonia consigo mesmas, com os outros seres e com a Terra. Seu propósito é combinar um ambiente sociocultural sustentável com um estilo de vida de baixo impacto. Enquanto nova estrutura societária, a ecovila vai além da atual dicotomia entre assentamentos rurais e urbanos: ela representa um modelo amplamente aplicável para o planejamento e reorganização dos assentamentos humanos no séc. 21. (SVENSSON, 2002, p.10)
2006	Johnathon Dawson	<p>Descreve cinco princípios de ecovilas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eles não são projetos patrocinados pelo governo, mas iniciativas de base. • Seu valor para moradores e vida em comunidade de prática.

Ecovilas, o que podemos aprender com uma nova definição ancorada na construção deste fenômeno hodierno?

		<ul style="list-style-type: none"> • Seus moradores não são excessivamente dependentes do governo, das empresas ou outras fontes centralizadas de água, comida, abrigo, alimentação e outras necessidades básicas. Em vez disso, eles tentam fornecer estes recursos eles mesmos. • Seus moradores têm um forte senso de valores, muitas vezes caracterizada em termos espirituais. • Eles, muitas vezes, servem como locais de investigação e de demonstração, oferecendo experiências educacionais para os outros. (DAWSON, 2006, p.10)
2012	Gaia Education	<p>Em vez de uma definição fechada de ecovila, buscam desenvolver um currículo de design de ecovila focado em 5 pilares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Valores da Visão de Mundo - incluem exigências de uma nova estrutura social. Estados soberanos devem decidir como querem viver uns com os outros e com a natureza de forma responsável e socialmente justa. O objetivo é a diversidade em vez de homogeneidade; e a sustentabilidade, em vez do esgotamento causado pelo estupro violento da Terra. • Valores Sociais - incluem a participação de todos, expressando que somos uma "comunhão de sujeitos." E o direito de definir a forma como queremos viver com a natureza e entre si, como os direitos humanos e ambientais. • Valores Ecológicos - incluem solo limpo, ar e água, abrigo e alimentos locais frescos em abundância, enquanto vivemos em um ecossistema diversificado, dentro de uma "pegada ecológica" permissível. • Valores Econômicos - incluem economias locais sob o controle da democracia local; e a subserviência da economia à ecologia e não o contrário. (GAIA EDUCATION, 2012, p.10)
2013	Rebeca Roysen	<p>As ecovilas são comunidades intencionais sustentáveis, isto é, são grupos de pessoas que se unem para criar um estilo de vida de baixo impacto ambiental e relações interpessoais mais cooperativas e solidárias. (ROYSEN, 2013, p. 13)</p>
2019	GEN	<p>Uma ecovila é uma comunidade intencional, tradicional ou urbana que é conscientemente projetada por meio de processos participativos de propriedade local em todas as 4 dimensões da sustentabilidade (social, cultura, ecologia, economia em todo o design de sistemas) para regenerar seu ambiente social e natural. As ecovilas são laboratórios vivos, pioneiros em belas alternativas e soluções inovadoras. São assentamentos rurais ou urbanos com</p>

		estruturas sociais vibrantes, muito diversas, porém unidas em suas ações para estilos de vida de baixo impacto e alta qualidade (GEN, 2019b, tradução nossa)
--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Diante dos conceitos encontrados, é possível evidenciar dissonância. Essa multiplicidade se deve em parte devido ao entendimento de cada uma das épocas sobre sustentabilidade e em parte pela metodologia de raciocínio por trás da construção do conceito.

Alguns autores preferem adotar uma definição no formato de único parágrafo (GILMAN, 1991; SVENSSON, 2002; ROYSEN, 2013; GEN, 2019b) enquanto outros evitam delinear um molde e preferem adotar diretrizes (JACKSON, 1998; DAWSON, 2006; GAIA EDUCATION, 2012). Na leitura dos conceitos de acordo com a época e o autor, é possível afirmar que a sustentabilidade é o cerne do conceito e há uma estreita correlação entre o conceito de ecovilas e o conceito de sustentabilidade. Na medida em que sustentabilidade é desenvolvida em novas dimensões, o conceito de ecovilas é, obrigatoriamente, revisado.

A GEN, devido ao grande número de ecovilas que congrega em sua rede, 5750 distribuídas em 114 países (GEN, 2019c), detém forte peso político na articulação global sobre ecovilas e possui cadeira consultiva junto a ONU no United Nations Economic and Social Council (ECOSOC) desde 2000 (GEN, 2019d).

Esse status tornou a GEN referência de boa parte dos trabalhos publicados como se ela fosse o órgão oficial incumbido pelo conceito de ecovila. A GEN, de fato, se preocupa em acompanhar as discussões e manter o conceito atualizado de ecovila em seu glossário, mas alerta ser inútil definir ecovila como um sistema fechado, imutável que incentiva, por meio da instituição Gaia Education, explorar um conceito dinâmico baseado em cinco dimensões de boas práticas: social, cultural, ecológica, econômica e organizacional (GAIA EDUCATION, 2012).

A NECESSIDADE DE APRENDER SOBRE ECOVILAS E AS SEIS DIMENSÕES PARA O CONHECIMENTO ACERCA DA QUESTÃO

Para execução dessa pesquisa, reconhecemos os esforços e contribuição para o movimento da GEN, contudo, propomos uma definição delimitada do termo. Compreende-se que conceituar ecovilas não deve ser encarado como uma busca por um modelo fixo, mas sim uma definição viva e dinâmica. Para elaboração de uma definição semântica moderna, lançamos mão de um olhar multifacetado baseado em seis elementos frequentemente associados à ecovila: território, comunidade com limitado número de participantes, sustentabilidade, compromisso com as futuras gerações, gestão participativa e permacultura.

Reconhecer a heterogeneidade do movimento faz parte da sua caracterização. É preciso ter em mente que a variedade de exemplo é limitada ao número de ecovilas existentes e a inexistência de um padrão de deve as adaptações ao ambiente natural, configuração social e avanços tecnológicos que são distintos de acordo com o espaço escolhido no tempo. Nenhuma ecovila é igual à outra, tampouco, “ecovila ideal não existe” (JACKSON; JACKSON 2004). Por isso, é mais adequado pensar numa conceituação multidimensional, ainda que limitada às seis dimensões identificadas:

1ª. Dimensão

Comunidade intencional com número limitado de membros: trata-se de um agrupamento, por escolha, baseado em relações sociais duradouras e multiintegradas, isto é, estabelecimento em grupo de sentimento subjetivo de pertencimento com número de membros limitado às possibilidades de interação por uma questão de governança. Bauman (2003) alerta que, na modernidade líquida, o conceito de comunidade tem de ir além do clássico, e ser uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo, zelosa pelos direitos iguais. Para que isso seja verdade, é importante que os ecovileiros estejam dispostos e aptos a interagir e conhecer uns aos outros, priorizando o convívio cotidiano.

2ª. Dimensão

Território: A existência de uma comunidade está condicionada a ocupação de um espaço mediante o compartilhamento de uma identidade, além do “espaço banal” (SANTOS, 1985). O conceito aqui utilizado é o de “território usado”, de Milton Santos. O território é o “chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence... é a base do trabalho, das trocas materiais e espirituais e da vida” (SANTOS, 2003, p. 96). Ou seja, território não está restrito ao espaço geográfico em si, mas ao o espaço humano, habitado, ocupado, compreendido. Esta é uma seara de importante compreensão, pois comunidade e território são cocriadores alternando os papéis de objeto e protagonista da ação e vice-versa. Essa ocupação, todavia, é limitada, ensejando na terceira dimensão.

3ª. Dimensão

Sustentabilidade: a diretriz de sustentabilidade é algo perene nas ecovilas (DIAS; LOUREIRO *et al.*; 2017). Ela pode ser definida como qualidade do sustentável, ou seja, algo que perdura no tempo. Ao contrário do que a mídia afirma – ser sustentável não é sinônimo de preservar o ambiente, é preciso bem mais, é fundamental tomar para si o desafio de unir o bem-estar econômico, equidade social e proteção ao meio ambiente em longo prazo. De acordo com Sachs (2002), a sustentabilidade vai muito além do compromisso ambiental e perpassa pelas dimensões: social, a econômica, a ecológica, cultural, territorial, política nacional e política internacional. Ao longo das décadas, a sociedade foi modificando sua compreensão de sustentabilidade. A prática do princípio norteador de sustentabilidade confere consciência ecológica e autonomia. Vai além do batido compromisso de preservar o ambiente e ajuda os membros de ecovilas a tomarem para si o desafio de unir o bem-estar econômico, equidade social e proteção ao meio ambiente em perspectiva de longo prazo.

4ª. Dimensão

Compromisso com as futuras gerações: deriva da sensibilidade ao porvindouro, uma vez que sustentabilidade ainda tem a ver com continuidade temporal, envolve aqui à responsabilidade nas ações para com as gerações futuras como compromisso com as esferas

de justiça social e cidadania. Não basta cuidar do ambiente, chegamos a tal estado de degradação que urge soluções regenerativas na tratativa do meio ambiente, urge pensar soluções de uso de materiais e recursos de forma cíclica - reuso, ao invés de linear - descartável.

5ª. Dimensão

Gestão participativa: Ecovilas tendem a ser organizações circulares para tomada de decisão. Partindo do pressuposto que a convivência humana é conflituosa, organizações ecovileiras devem buscar contemplar os membros via participação ativa e comunicação direta, em detrimento de modelos democráticos e centralizadores de poder (SIQUEIRA, 2012). Inspirações cooperativistas e sociocratas de tomadas de decisão por consenso são bem-vindas. Cabe às ecovilas, enquanto laboratórios vivos, estimular a inteligência coletiva e escolher o modelo que mais se adapta a sua realidade.

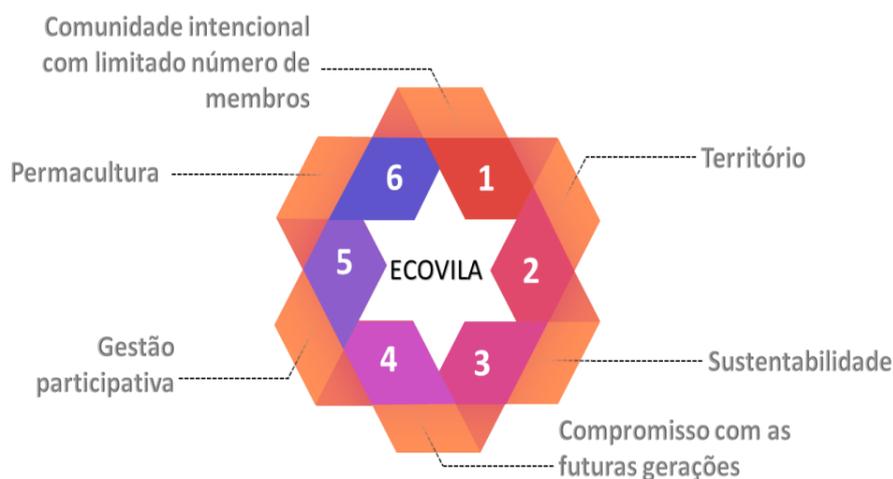
6ª. Dimensão

Permacultura: A permacultura, criada na Austrália ao final dos anos 1970 por Bill Mollison, embora não apareça explicitamente em nenhuma definição, é fortemente conectada ao conceito de ecovilas e ocupa a nossa sexta dimensão. A palavra permacultura, de acordo com Mollison e Slay (1991), significa cultura permanente, ou seja, sistema de vida sustentável em longo prazo. É uma visão ecocêntrica que trata plantas, animais e construções não como elementos isolados, mas como partes de um grande sistema intrinsecamente relacionado tendo como filosofia de trabalho “com” e não “contra a natureza” (Mollison, 1989). A permacultura contribui com suas boas práticas para a saudável existência das ecovilas.

A partir da união dessas seis dimensões (Figura 3), propõe-se então uma definição para a Ecovila: território formado pela soma de um espaço e um grupo de pessoas em constante convivência, variável em quantidade, mas cujo contato pessoal seja possível, praticantes da permacultura, decididas a viver em coletivo por escolha, voltadas para solucionar conflitos

via gestão participativa, adotantes de boas práticas sustentáveis para gerir os recursos finitos e impactar o ambiente positivamente visando às próximas gerações.

Figura 3. Seis dimensões da ecovila



Fonte: Dados a partir da própria pesquisa

O QUE NÃO É ECOVILA: A NECESSIDADE DE APRENDER A PARTIR DO NÃO

Análise do conceito e das dimensões das ecovilas, situando-as no âmbito de uma mudança social das relações entre cultura, tecnologia, economia e mercado. Nesta seção, será tratado das diferenças e semelhanças entre alguns conceitos utilizados erroneamente como sinônimos de ecovilas.

Em primeiro lugar, são inúmeros os empreendimentos imobiliários que se autointitulam ecovilas. Construtoras sem consciência ambiental utilizam o termo como pura estratégia de marketing no melhor estilo consuma verde sem culpa. Basta ter em seu projeto “coleta seletiva”, ou “painéis solares” ou “extensa área verde” que os empreendimentos vendem uma imagem “comunidade” preocupada com a natureza. O termo ecovila como sinônimo de “empreendimento sustentável” é usado erroneamente e indiscriminadamente ao lado de expressões como “alto padrão”, “ótima localização” e “bairro verde” como se fosse apenas mais um atributo. Ao se apropriarem do conceito de ecovila, as empreiteiras não contribuem para a construção de uma sociedade sustentável e ainda treinam a sociedade a

comprar “sustentabilidade” como algo pronto e acessível apenas aos abastados que podem pagar. Isso provoca nas comunidades sustentáveis uma aversão ao termo e dificulta a sua identificação como ecovilas, contribuindo ainda mais para a confusão. Um empreendimento imobiliário pode e deve ter ambições sustentáveis, mas ele nunca nasce como uma ecovila. Até que a comunidade habite o território e forme sua identidade coletiva, não passa de um empreendimento concreto, sem vida.

Em segundo lugar, ecovilas são vistas por uma maioria da população como uma realidade paralela e inacessível, só para ricos que querem morar longe de tudo e todos, isolados. Neste sentido, as ecovilas devem evitar a todo custo criar novos espaços de exclusão e injustiça, pois estaria indo contra fluxo da sustentabilidade que prega por equidade social. Por estarem imersas no sistema capitalista, devem reconhecer suas limitações e necessidades de interação e evitarem qualquer tendência ao isolamento fantasioso. É esperado de uma ecovila quanto agente transformador da sociedade interagir positivamente com comunidade em torno via ações diversas na difusão de ideias e práticas alternativas de sustentabilidade, sejam elas de caráter educativo, empreendedor ou social.

Em terceiro lugar, cabe um alerta para as ecovilas espirituais. Apesar de a espiritualidade ter sido uma referência para Hildur Jackson (1998), este conceito carece de esclarecimento, pois Jacson se referia a uma espiritualidade ampla não atrelada a religião e sim de contato com o invisível oferecido pela natureza, tanto que sua definição anterior que não vingou, era baseada nos quatro elementos. O fato é que para que uma ecovila exista é necessária, sim, uma identidade coletiva por meio do compartilhamento de valores entre os moradores, porém ela não precisa ser necessariamente alicerçada por crença ou práticas religiosas. Em verdade, “ecovilas espirituais” não passam de comunidade hierárquica, pois não raro veem no líder espiritual a autoridade carismática capaz de deferir as decisões administrativas sem a devida prática da gestão participativa.

Em quarto lugar, carece, no Brasil, de uma definição concreta, se é que é possível, de ecovilas em guias de referência brasileiros como a ABNT e o Código de Obras Municipal. O termo é originalmente importado e precisa ser adaptado para nossa realidade distinta dos países desenvolvidos. Alguns analistas acreditam que a definição nesse tipo de documento apenas contribuiria para a lógica do mercado e engessamento do termo. Porém, sabe-se que o reconhecimento do termo se deve ao acesso do termo a maior população possível. É preciso

reconhecer que as definições no meio acadêmico são restritas. A definição clara do termo ecovila no Código de Obras contribui também no quesito fiscalização, pois limita a instancia municipal beneficiando empreendimentos de grandes corporações com departamento de marketing que bem sabe explorar seu livre uso para fins comerciais.

INTENTO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

No *corpus* deste trabalho, apresentou-se o surgimento do conceito de ecovilas e, a partir da evolução histórica, foi realizada sua definição, delineando-se seus contornos e destacando sua característica intrínseca coevolutiva de se transformar na medida em que avançamos na compreensão do que é sustentável.

Conclui-se este trabalho indicando caminhos para futuros desenvolvimentos. De fato, por suas características, heterogeneidade e complexidade de território, o fenômeno de ecovilas pode constituir uma trilha promissora para investigações de caráter empírico na verificação de suas seis dimensões, assim como para a realização de trabalhos de reflexão crítica.

Em primeiro lugar, poder-se-ia investigar uma possível disputa retórica entre os defensores das ecovilas e os críticos que apontam ser o termo apenas mais uma fórmula mercantil. Nesse sentido, o conceito de ecovilas pode ser visto como uma necessidade semântica, criada de forma a neutralizar essa visão crítica que provoca a aversão identitária de muitas comunidades.

Em segundo lugar, dentro dessa mesma linha de análise do conteúdo, poder-se-ia analisar de que forma o mercado imobiliário se apropriou do termo e contribuiu para essa visão crítica.

Em terceiro lugar, seria desejável ter mais trabalhos de investigação empírica, com estudos de caso, que avaliassem as seis dimensões da definição.

Em quarto lugar, seria também desejável ter investigações focadas na percepção do ecovileiro.

Ecovilas, o que podemos aprender com uma nova definição ancorada na construção deste fenômeno hodierno?

Por fim, é importante analisar a atuação da gestão participativa *in loco* e de que forma as ecovilas se organizam para cumprir seus acordos. Ademais, todavia, há o que se aprender e investigar em torno deste termo contemporâneo, por isso, este trabalho pode servir como material didático em cursos de graduação e de pós-graduação que investigam esta questão, para que, desta forma, seja possível ampliar a discussão em torno do estado da arte deste objeto de estudo e de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BANG, Jan Martin. **Ecovillages**: a practical guide to sustainable communities. Gabriola Island: New Society Publishers, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2003.
- BRAUN, Ricardo. **Desenvolvimento ao ponto sustentável**: novos paradigmas ambientais. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CAPELLO, Giuliana. **Meio ambiente & ecovilas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- CAPRA, Fritjot. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- DAWSON, Jonathan. **Ecoaldeias**: Novas fronteiras para a sustentabilidade. Águas Santas: Edições Sempre-Em-Pé, Ed. 24. 2010.
- DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico; CHEVITARESE, Leandro; SOUZA, Cecília de Mello. Os Sentidos e Relevância das Ecovilas na construção de Alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, n. 3, 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0083v2032017> Acesso em: 10 set. 2019.
- FABRI, Adriano. **Ecovilas**: uma análise comparativa a partir das dimensões da sustentabilidade. Dissertação de Mestrado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. 2015. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1362> Acesso em: 10 set. 2019.
- GAIA EDUCATION. **Educação para o design de ecovilas**. Versão 5. Gaia Education, 2012. Disponível em: <https://gaiaeducation.org/wp-content/uploads/2017/02/EDE-Curriculum-v5-Portugues.pdf> Acesso em: 10 set. 2019.
- GEN. About GEN. **What is an Ecovillage?** (2019a). Disponível em <https://ecovillage.org/about/about-gen/> Acesso em: 10 set. 2019.
- GEN. **Ecovillage**. (2019b). Disponível em <https://ecovillage.org/projects/> Acesso em: 10 mai. 2019.
- GEN. **Annual Report 2018**. (2019c) Disponível em <https://ecovillage.org/annual-report-2018/> Acesso em: 09 set. 2019.
- GEN. **UN ECOSOC Status**. (2019d) Disponível em <https://ecovillage.org/our-work/advocacy/> Acesso em: 09 set. 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Edição eletrônica.

INGLEHART, Ronald F. **Culture shift in advanced industrial society**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

JACKSON, H. **What is an Ecovillage?** 1998. Disponível em: <https://www.habiter-autrement.org/05.ecovillage/contributions-05/What-is-an-Ecovillage-Hildur-Jackson.pdf> Acesso em: 09 set. 2019.

JACKSON, Hildur; JACKSON, Ross. **Global Ecovillage Network History: 1990-2004**. (2004). Disponível em http://gaia.org/wp-content/uploads/2016/07/HJackson_GEN-History.pdf Acesso em: 09 set. 2019.

LINDGREN, Alves, J. A. A HABITAT-II e as Encruzilhadas de Istambul. **Contexto Internacional**; Rio de Janeiro Vol. 19, Ed. 1, (Jan-Jun 1997): 41-70. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/0ca4e967f86eb7379466e874d2ef9df7/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1936339>. Acesso em: 09 set. 2019.

LUCCI, Elian Alabi. **A era pós-industrial, a sociedade do conhecimento e a educação para o pensar**. [S.l.]. Disponível em: <http://www.hottopos.com/vidlib7/e2.htm> Acesso em: 09 set. 2019.

MOLLISON, Bill. **Permaculture, a designer manual**. Austrália: Tagari Publications, 1989.

MOLLISON, Bill, & SLAY, Reni Mia. **Introdução à Permacultura**. Austrália: Tagari Publications, 1991.

PIRES, Cristiana do Vale. **Ecoaldeias: Construindo Alternativas – Estudo exploratório do movimento social das Ecoaldeias através do Global Ecovillage Network, Tamera e Los Angeles Ecovillage**, Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto Superior das Ciências e do Trabalho, Universidade de Lisboa. 2012.

ROYSEN, Rebeca 2013. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo. 2013.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond. 2002.

SANTOS JR, Severiano José dos. **Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo**. In: Encontro da ANPPAS, III, 2006, Brasília – DF. **Anais**. Brasília: Associação Nacional Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2006, p.1-16.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1985.

SIQUEIRA, Gabriel de Melo Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: novas fronteiras do campo de estudos**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SVENSSON, Karin. What is an ecovillage? In: JACKSON, H.; SVENSSON, K. (Ed.). **Ecovillage living: restoring the earth and her people**. Devon: Green Book and Gaia Trust, 2002.

THEIS, Ivo Marcos. A sociedade do conhecimento realmente existente da perspectiva do desenvolvimento desigual. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 5, n. 1, p. 133-148, 2013

WAGNER, Felix. **Ecovillage Research Review**. In: WAGNER, Felix; ANDREAS, Marcus (Eds.). **Realizing Utopia: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches**, RCC Perspectives, n. 8, p. 81-94, 2012.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).